

Roma, 1956

## Eu via a Terra Santa

### *A pedra escavada*

Quando, da costa azul do golfo de Beirute, contemplava a cidade, lá embaixo, recentemente abalada pelo terremoto, estendendo-se aos pés das colinas pontilhadas de miríades de pequenas casas, enquanto o avião tomava novamente a direção do mar para depois ganhar altura e poder assim, de volta, enfrentar os primeiros montes da Palestina, não pensava que Jerusalém e os Lugares Santos haveriam de gravar-se tão profundamente na minha alma.

Eu não estava ali para uma peregrinação. É verdade que alguns nomes como Belém, Jericó, Jerusalém, Betânia, de forma alguma me deixavam indiferente. Mas a finalidade principal daquela viagem era um dever que desejava cumprir.

Já desde Roma, no aeroporto de Ciampino, tinha-me encontrado com outros conhecidos que se dirigiam ao mesmo destino, de modo que, quando o bimotor que faz a rota Beirute-Jerusalém, após um voo maravilhoso por sobre as montanhas do Líbano acariciadas pela neve, com o monte Hermon sobressaindo entre todos, aterrissou no aeroporto, uma pessoa que já estava à nossa espera, fez-nos entrar em dois táxis e nos encaminhou para Jerusalém.

A novidade do encontro, depois de tanto tempo, as notícias recebidas e dadas de ambas as partes, impediram que eu observasse para onde nos dirigíamos.

Até que, num dado momento, nos informaram que devíamos descer, porque os carros não podiam prosseguir. A partir daí tínhamos que subir a pé.

Era uma antiga ladeira de Jerusalém, entrecortada de vez em quando por alguma escada de pedra. Uma viela em péssimas condições, de uns três metros de largura, onde ecoavam gritos de vendedores vendendo, de um lado e de outro, as suas mercadorias; e de onde também exalava um odor que era um misto de suor, de sujeira, de peles de animais, de perfumadas frutas, de guloseimas de toda espécie. Gente que ia e vinha acotovelando-se, vestindo-se com os mais variados costumes do oriente e do ocidente. As lojas surgiam nos pórticos de casas antigas, quando não nos porões ou debaixo de velhas arcadas, que tornavam mais escuro o ambiente, com ovelhas e cabras misturando-se às pessoas e às moscas que zumbiam por cima dos doces. Sob o frouxo turbante branco, rostos de homens resignados, ou poucos resignados com aquela vida. Rostos invisíveis de mulheres, cobertos por um véu preto.

Subimos, e ao longo daquele *bazar* – como eles o chamam – nosso amigo, já familiarizado conosco, de vez em quando nos mostrava uma porta, um pouco mais limpa que a outras, que não se sabia se pertencia a uma casa ou a uma capela. E nos dizia: “Aqui é uma estação, aqui uma terceira, aqui a quarta... Aqui Jesus encontrou Maria; aqui o Cireneu...”<sup>1</sup>. Era evidentemente a *Via-sacra*, a mesma que Jesus havia percorrido.

E como “Via-sacra” permaneceu, tanto para quem habitava lá, como para quem lá passava.

Alguns metros acima, foi-nos anunciado: “Estamos no Sepulcro. Aqui nesta Igreja, sustentada por vigas fortíssimas sem nenhuma estética, existe o que de mais sagrado se possa imaginar: o Calvário e o Sepulcro”. Na realidade, eu estava mais ou menos preparada para deparar-me com aquele local, porque pelos quinhentos metros que o precediam me haviam deixado na alma um sentimento vivo de dor e de consternação. Parecia-me que Jesus estivesse ainda nas mãos daquele povo e que litígios sem fim

---

<sup>1</sup> Fixadas pela tradição popular desde antiga data, ao longo do caminho percorrido por Jesus para subir ao Calvário, são objeto de grande veneração por parte dos fiéis.

tivessem impedido, a quem tinha o direito de fazê-lo, de custodiar com amor e veneração, pedra por pedra, os lugares por onde Ele havia passado.

Entramos. Circulamos por alguns recantos da igreja, dos quais não me recordo mais, subimos por uma escadinha muito estreita, com o mármore consumido pelos milhões de peregrinos que por ali passaram, e nos encontramos diante de um altar, onde também os greco-ortodoxos lá podiam celebrar a missa, assim como os armenos.

Através de um vidro, que protegia uma rocha, um cicerone nos mostrou uma abertura dizendo: “Neste local foi cravada a cruz”.

Sem perceber e sem dizer palavra, vimo-nos todos de joelhos.

Quanto a mim, tive um momento de recolhimento.

Naquele local foi cravada a cruz... *a primeira cruz.*

Se não fosse essa primeira cruz, a minha vida, a vida de milhões de cristãos que seguem a Jesus carregando a sua cruz, os meus sofrimentos, os sofrimentos de milhões de cristãos, não teriam um nome, não teriam nenhum significado. Ele, que ali foi levantado como um malfeitor, deu valor e sentido ao mar de angústia que atinge e às vezes submerge a humanidade e, não raramente, cada homem.

Nada disse a Jesus naquele momento. Aquela pedra perfurada é que havia falado.

Acrescentei somente, como uma criança extasiada: “Aqui, Jesus, quero cravar mais uma vez a minha vida, as nossas cruces; as cruces de todos os que Te conhecem e de todos os que não Te conhecem”.

Deixei o Santo Sepulcro, com algo bem diferente na alma, confiante e cheia de esperança, de que o céu de Jerusalém, que ora cobre uma multidão de irmãos distantes, possa um dia ouvir novamente, dirigidas a alguém à procura de um irmão que não está ainda plenamente unido, aquelas palavras do Anjo a Maria Madalena: “Ressuscitou, não está aqui”<sup>2</sup>.

### *As pedras que falam*

Durou sete dias a minha estadia na Palestina, sete dias nos quais pude ver dentro e fora de Jerusalém muitos Lugares Santos.

Não me lembro do itinerário das visitas, mas os lugares trago-os profundamente impressos: Betfagé, o Gallicantus, a escadinha de pedra do testamento de Jesus; a fortaleza Antonia, onde Pilatos expôs Jesus ao público, dizendo: “Eis o homem!”<sup>3</sup>; o lugar da assunção de Nossa Senhora, atualmente em poder dos greco-ortodoxos; o lugar da ascensão encerrado numa “edícula”, agora em poder dos maometanos; depois, Betânia e a estrada que vai de Jerusalém a Jericó, mencionada na parábola do bom samaritano; depois Belém...

Toda uma série de nomes dulcíssimos, que nem a vida nem a morte conseguirão cancelar.

E quando, ao cair da noite, levantava os olhos para o céu, que espargia estrelas cheias de luz, um céu que não se vê na Itália, sentia uma singular e lógica afinidade entre aquele firmamento e aqueles Lugares.

Emaús acolheu-nos numa tarde de sol. Lembro-me bem das pedras da estrada onde Jesus passou em meio aos discípulos e recordo-me também do acolhimento mais que fraterno dos franciscanos de lá. Eles desejam ser hospitaleiros para os peregrinos, como o foram, um dia, os dois discípulos para Jesus. Ofereceram-nos de tudo, depois da vista ao local sagrado, com um sorriso pleno e coração largo. Por fim, não sabendo mais o que oferecer, deram-nos flores. Quando entramos no carro, para voltar para

---

<sup>2</sup> Mc. 16, 6.

<sup>3</sup> Jo. 19, 5.

Jerusalém, o sol cobria tudo com um manto vermelho-dourado, e a palavra que emoldura o portão de entrada: “Fica conosco Senhor, porque anoitece”<sup>4</sup>, recolheu-nos a todos num sentimento misto de comoção e divina saudade.

Visitamos Betânia num dia de pleno sol, e, subindo a ruazinha que leva ao sepulcro de Lázaro, parecia-me ouvir novamente as palavras de Jesus a Marta: “Uma só coisa é necessária...”<sup>5</sup>.

Visitei Betfagé, e vi a pedra, até hoje venerada, onde Jesus colocou os pés para montar no jumentinho e dirigir-se a Jerusalém entre os ramos de oliveira e os hosanas da multidão. O Getsêmani e o Horto das Oliveiras, esplêndido jardim, fizeram-me permanecer recolhida e cheia de dor na límpida igreja, decorada com gosto, iluminada por uma luz violácea, que tem bem no centro uma pedra, avermelhada hoje por uma luz, mas no passado pelo sangue de Jesus. Parecia-me vê-lo ali, mas não ousava imaginá-lo.

Depois o Gallicantus, onde o galo cantou, e a escadinha ainda bem conservada, ao ar livre, entre o verde das plantas e do prado que a costeia. Vai de Sião à torrente Cedron.

Aqui o Mestre, já próximo da morte, com o coração cheio de ternura para com os discípulos, escolhidos pelo céu, mas ainda frágeis e incapazes de compreender, elevou ao Pai a Sua oração, em Seu nome e em nome de todos aqueles pelos quais tinha vindo e estava pronto a morrer: “Pai santo, conserva-os no teu nome, aqueles que me deste, para que sejam um como nós somos Um”<sup>6</sup>. Ali, Jesus pedirá ao Pai para *tornar-nos filhos*, ainda que distantes por culpa nossa, e para *tornar-nos irmãos* entre nós, na mais compacta, porque divina, unidade.

Vi muitos outros lugares, segui muitas estradas que Jesus havia percorrido, observei lugares que Jesus tinha observado, passaram-me sob o olhar pedras, pedras e mais pedras...

Mas cada pedra tinha uma palavra a dizer, muito mais que uma palavra, tanto que, por fim, minha alma estava inundada, toda cheia da presença de Jesus.

Lembro-me com evidência de que, no sétimo dia, tinha-me esquecido literalmente da minha pátria, dos meus familiares, dos meus amigos, de tudo. Eu me via lá imóvel e extasiada, espiritualmente petrificada entre aquelas pedras, sem outro dever senão o de permanecer ali a adorar. Adorar com a alma fixada no Homem-Deus que aquelas pedras haviam me explicado, revelado, cantado, exaltado!

Um só pensamento me moveu e me fez voltar. Existia, também na Itália, como em qualquer parte, um lugar que valia mais do que aqueles lugares, onde encontraria Jesus vivo: era o sacrário, cada sacrário com Jesus Eucaristia.

Enquanto o avião trazia-nos de volta, pensando e meditando, compreendi pela primeira vez como certos muçulmanos chegaram a cegar-se depois de terem visto a Meca e os lugares que para eles são sagrados, porque, segundo eles, nada de melhor resta mais a ver.

Não é assim para nós; com o Deus dos vivos, podemos manter os olhos abertos, *também depois de ter visto a Terra Santa*, contanto que não vejamos *senão Jesus*, Jesus na Hóstia santa, Jesus nos irmãos, Jesus nas circunstâncias alegres e tristes da vida.

(de Chiara Lubich, *Escritos Espirituais/1: A atração dos tempos modernos*, Cidade Nova, São Paulo 1983, pág. 162-169).

---

<sup>4</sup> Lc. 24, 29.

<sup>5</sup> Lc. 10, 42.

<sup>6</sup> Jo. 17, 11.